

Política e ética em uma gestão: Um desafio, uma oportunidade

Cecilia Rosa I. Moia¹

*A má notícia é que, na melhor das condições pode repetir a história.
A boa notícia é que nas piores circunstâncias pode acontecer o novo.*

Bertrand Russell

Resumo: Este trabalho tem como objetivo mostrar a experiência realizada pela gestão da diretoria da OCAL (Organização de Candidatos da América Latina) durante o período de 2012/14. Para isso, destaca a posição política e ética assumida e seus efeitos sobre a formação psicanalítica dos candidatos pertencentes à Fepal (Federação Psicanalítica da América Latina) e à IPA (International Psychoanalytical Association)

Palavras-chave: política; ética; formação psicanalítica; gestão.

Para Kierkegaard, cada opção é uma oportunidade, uma chance para o novo. O ingresso na diretoria de uma instituição significa o mesmo, um compromisso assumido com um desejo de que algo seja diferente.

Como em qualquer grupo, cada um dos membros que formavam a Diretoria da Organização de Candidatos da América Latina (OCAL) 2012-2014 chegaram ao encontro com itinerários prévios. No nosso primeiro contato, em São Paulo, em 2012, descobrimos como nos mobilizou o desejo de que a transmissão da psicanálise pelos pares fosse um eixo norteador, uma linha diretriz. Foi assim que um grupo de vozes começou a se reunir todas as terças por *Skype*, um grupo de vozes que tentava representar países da América Latina.

Assim, na hora de delinear metas e caminhos, era um desafio transformar esse grupo de vozes em um grupo de trabalho, mas faltava um caminhar, um tempo, era o nosso primeiro desafio!

Então, lentamente, atravessados pelo desejo de como pensar o movimento psicanalítico na América Latina, aprendemos sobre a eficácia dos grupos de trabalho

¹ Membro da Asociación Psicoanalítica Argentina – APA.

como uma interseção, um encontro polifônico de discursos que tentam manter a aparência de alteridade, bem como a sua identidade comum.

A tradição cultural latino-americana é um legado denso e complexo, por vezes problemático, do qual a prática psicanalítica não está isenta. E, embora o pensamento não tenha fronteiras, certamente a identidade assumida permite um pensamento livre, aberto e, ao mesmo tempo, próprio e singular.

Junto à amplitude deste caldeirão de povos que faz a América Latina, o pensamento psicanalítico não apenas está indissolúvelmente associado à história viva de seus pensadores, bem como à de sua prática, de sua ética e de sua política.

Diversidade, Integração e Desenvolvimento: Psicoanalisar na América Latina foi a proposta da OCAL. Que desafio! Quando começamos a trabalhar, sob a égide deste lema, chegaram os ecos do problema da identidade latino-americana, sua história, seu pensamento psicanalítico ou a história do seu pensamento psicanalítico, com complicações e tensões, suas posições políticas e mudanças teóricas. Como os países, as instituições e, neste caso, a gestão, têm fronteiras, limites e políticas que as autorizam e as legitimam.

A dimensão política no campo da psicanálise permite vincular o político com a dimensão do impossível, nem tudo é possível, o todo é um fantasma inalcançável, não há possibilidade de uma identidade e comunidade plena, há sempre uma fratura incurável que é o limite.

Do que se trata na política é saber fazer algo com isso, construir neste vazio. Este resíduo inassimilável pode jogar de forma mortal ou pode mudar de estatuto e ser trabalhado politicamente.

Por isso, propusemos reivindicar a experiência política como um modo de apropriação que permita ao sujeito ler e fazer parte da sua realidade social. Esta ideia tomou forma sob a denominação “além dos muros”, ou seja, é tudo o que nos autoriza falar e discutir uma prática localizada para além dos limites do consultório privado, não é o futuro de qualquer ilusão, mas, sim, um elemento que define o desenvolvimento histórico da prática analítica.

Convocou-nos o desejo de saber como trabalha um analista na experiência institucional (prisões, hospitais, asilos, escolas, favelas, assentamentos). A ética do analista na instituição é definida a partir do ato de assumir-se não como analista da comunidade, mas como analista na comunidade.

As intervenções, nesse contexto, se registram na forma do *falar*, dimensão que coloca em jogo o sofrimento que se tenta subjetivar como forma de particularizar o sintoma social. Nada mais oportuno que evocar esta frase tão citada de Lacan: “*Melhor*

que renuncie aquele que não pode unir o seu horizonte com a subjetividade da época” (Lacan, 1953/1977, p.138).

Para um psicanalista que se encontra, como disse Freud, sob a mesma influência da civilização que o paciente, que tem de tratar, concentrar e aprofundar esta questão, não é sem consequências clínicas, muito menos éticas.

A partir dessa ideia decorre uma forte proposta de visitar mais de uma vez os “escritos sociais” de Freud na intenção de nos aproximar da verdadeira lógica freudiana relativa à estrutura de laço social. Escritos como “Psicologia das massas e análise do Eu”, “O Mal-estar na Civilização” ou “Totem e Tabu” não são textos onde Freud aborda temas “sociais”, mas são momentos do desdobrar de uma *práxis* que nos leva a dissolver a oposição indivíduo/empresa oferecendo uma nova topologia de vínculos sociais. Inspirou-me a introdução de Freud em *Psicologia das Massas* (Freud, 1920/1979, p.67) quando ele diz:

A oposição entre psicologia individual e psicologia social ou coletiva que à primeira vista, pode parecer muito profunda, mas perde muito de sua significação quando é sujeita a uma análise mais aprofundada. A psicologia individual é concentrada, certamente no homem isolado e investiga os caminhos pelos quais ele mesmo tenta (as maneiras em que tenta) alcançar a satisfação de seus instintos, mas apenas raramente e sob determinadas condições excepcionais, lhe é dado prescindir das relações do indivíduo com o seu semelhante. Na vida anímica individual, sempre aparece integrado de fato “o outro” como um modelo, objeto sexual, auxiliar ou rival, e, assim, a psicologia Individual é, ao mesmo tempo e a partir do início, psicologia social, num sentido amplo, mas plenamente justificado.

No meu trabalho monográfico (Moia, 2012, p. 3) propus:

Eu considero que Totem e Tabu não é apenas uma teoria da origem da cultura e do Complexo de Édipo, mas os avatares referentes à horda primitiva têm um espaço na vida anímica do sujeito. Isso me levou a pensar de forma diferente, nos modos de funcionamento do aparelho psíquico. Para fazer isso, proponho investir na postura freudiana e considerar Totem e Tabu como uma metáfora da mente, não a mente como uma metáfora de Totem e Tabu.

O que é e quais as implicações que traz essa nova forma de pensar sobre o laço social é o que propusemos abordar e planejar. Acreditamos que deve ser explicado e discutido em maior profundidade. A partir dessa perspectiva, também, pensamos e abordamos questões tais como os atuais povos originários presentes em toda América Latina. Inclusão, integração e descolonização foram alguns dos conceitos mais elaborados e trabalhados.

Entendemos que pensar que a gestão em psicanálise supõe uma política não significa absolutamente erguer a psicanálise em uma cosmovisão ou colocá-la no lugar do ideal.

A psicanálise, como dissemos, não tem a vontade de dizer a verdade, mas lograr que ela fale com efeitos de verdade, que produz uma intervenção. Portanto, não se deduz uma sociologia, um saber normativo sobre a organização social, mas uma política.

A partir da política da OCAL, pensamos que o tempo da formação é permanente, não se conclui com o egresso (a graduação e a saída) de um Instituto. Somos analistas em formação, alguns somos candidatos a uma *membreia*. O tempo de formação é o que os analistas passam perante os nossos mestres e entre nós, quando nos expomos entre pares em uma publicação, no trabalho teórico, na apresentação de um material clínico. Então, não se trata de questionar um modelo de formação, mas perguntar sobre a nossa formação: Quais serão os analistas do futuro? Nós nos perguntamos sobre essa questão?

No final do século XX, alguns discursos fatalistas noticiavam o *big-bang* da humanidade com um estrondo, como outros discursos hegemônicos pressagiavam o fim da Psicanálise. O problema não é a predição, mas o risco de perder a nossa condição como protagonistas, para sucumbir à condição de meros espectadores.

Por causa disso, antes de definir como serão os psicanalistas do futuro, nos propusemos que seria conveniente perguntar-nos se estão dadas as condições para que existam psicanalistas no futuro. Que analista se forma? Como gestão, assumimos uma posição perante essa postura e a pensamos em referência à análise do analista.

Decisão e escolha supõem transferência, mas também a responsabilidade do indivíduo (candidatos ou membros) no que diz respeito a suas transferências. Cada análise é também uma oportunidade singular e extraordinária, tanto para o analisando como para o analista.

A transferência é também uma oportunidade para o novo.

Por esta razão, entendemos que não se forma um analista, forma-se uma posição de implicação desse analisando com o seu analista, as suas teorias, entre os pares e com a sua época.

O que eu posso dizer em meu próprio nome é que esses movimentos ou pontos de inflexão ao longo de uma análise, que determinam essa posição, não podem ser confundidos com candidatura e filiação. Insisto, todos nós somos analistas em formação, alguns são candidatos a uma *membreia*.

A dimensão ética é central para a psicanálise, não só no que diz respeito ao sujeito, mas na experiência analítica de uma gestão. A especificidade da psicanálise é que tem uma ética que lhe é própria, diferenciada da noção de ética tradicional. Esta última se caracteriza por referir-se ao *dever ser* e a procura de um Ser Supremo, universal.

A ética em psicanálise, no entanto, é concebida como um ato que leva o sujeito a questionar o seu desejo e sofrimento, sustentado em um saber inconsciente. Pensamos a experiência analítica como ética, que permite que o sujeito possa envolver-se com tudo o que acontece com ele na transferência. E se corroboramos que a transferência é uma oportunidade para o novo, então propomos uma ética da oportunidade.

Andamos ao longo da nossa gestão por associações e sociedades psicanalíticas da América Latina para dar a cada candidato a oportunidade de expressar seu desconforto e/ou mal-estar e seus questionamentos sobre a formação psicanalítica, a vida institucional etc. Para fazer isso, utilizamos dispositivos facilitadores para que a palavra circulasse, para tentar desinstalar a queixa, o reclamo, e transformá-la em sintoma – podendo, portanto, ser interrogada em qualquer âmbito que o tripé formativo oferece, porque a paixão de ser analista se traduz agitando nossa experiência viva, quando a experiência se reduz ao administrativo emerge o mortífero.

Os critérios para o administrativo e o analítico não pertencem à mesma ordem. Eis aqui o paradoxo própria da psicanálise que merece ser sublinhado, especialmente quando o que Lacan ambicionou interrogar, em um determinado momento, foi o intervalo que separa esses dois critérios. As gestões não existem sem o administrativo, mas não se esgotam nele.

Nenhum grupo tem uma legitimidade intrínseca. O projeto simples de fazer alguma coisa não legitima um grupo, porque é preciso distinguir o projeto do fazer com o fazer em si. Enfatizamos a experiência política que pode capturar a impossibilidade mesma que se joga em todo laço social. A partir da construção de um coletivo como identidade, permite momentos de criação e invenção no encontro com o vazio estrutural.

Existem fatos, acontecimentos, que, pelo seu caráter surpreendente, imprevisível e coletivo, produzem um corte e uma descontinuidade que põem limite ao instituído; permitem criar espaços e tempos de invenção, sentidos e possibilidades, promovendo condições para a emergência dos sujeitos éticos e responsáveis.

O ponto de partida da nossa gestão foi para além do instituído, para tentar promover efeitos instituintes. Nossa posição transitou sobre a do discurso psicanalítico que propõe não adiar uma reflexão sobre o mal-estar atual, esta reflexão nos preserva de ficarmos presos em modismos, ideologias, classificações e prejuízos. As transformações de época não destituem o mal-estar e o desconforto, mas são parte dele. Ter a oportunidade de dizer algo novo ou dar a oportunidade para o novo é um desafio, uma posição política e ética.

Politics and ethics at an administration: A challenge, an opportunity

Abstract: This work attempts to show the experience performed by the executive management of OCAL (Organization of Candidates from Latin America), during the period of 2012/14. To accomplish this, it will highlight as central aspects the political and ethical position assumed by psychoanalysis and their effects in the psychoanalytic training of the Candidates belonging to FEPAL (Psychoanalytical Federation from Latin America) and IPA (International Psychoanalytic Association)

Keywords: politics; ethics; psychoanalytic training; management.

Política y ética en una gestión: Un desafío, una oportunidad

Resumen: El presente trabajo intenta mostrar la experiencia realizada por la gestión de la Directiva de OCAL (Organización de Candidatos de Latino América) durante el período 2012/14. Para ello destaca como aspectos centrales la posición política y ética asumida en Psicoanálisis y sus efectos en la formación psicoanalítica de los Candidatos pertenecientes a FEPAL (Federación Psicoanalítica de América Latina) e IPA (International Psychoanalytic Association)

Palabras clave: política; ética; formación psicoanalítica; gestión.

Referências

- Etcheverry, J. L. (1978). *Sobre la versión castellana: volumen de presentación de las Obras Completas de Sigmund Freud*. Buenos Aires: Amorrortu.
- Freud, S. (1979). *Psicología de las Masas y Análisis del Yo*. In: S. Freud *Obras Completas* (Vol. 18). Buenos Aires: Amorrortu. (Trabalho originalmente publicado em 1920).
- Lacan, J. (1977). *Escritos I, Función y campo de la palabra y del lenguaje en psicoanálisis*. México: Siglo XXI. (Trabalho originalmente publicado em 1953).
- Moia, C. (2012). *Tótem y Tabú en el escenario del Yo y El Ello*. Instituto de Psicoanálisis Ángel Garma da la Asociación Psicoanalítica Argentina. Buenos Aires. (Texto não publicado).

Cecilia Rosa I. Moia
Pacheco de Melo 2580 Piso 5°
Depto “B” (1425)
Ciudad Autónoma de Buenos Aires,
República Argentina
ceciliamoia@gmail.com

Tradução: Margarita Fragnito